



Gilson Guimarães da Silveira

*Tão longe de mim...*  
— *distante*

**EDITORA RECANTO DAS LETRAS**



*Tão longe de mim...  
— distante*



Gilson Guimarães da Silveira

*Tão longe de mim...  
— distante*

**EDITORA RECANTO DAS LETRAS**

**2018**

Copyright © 2018, Gilson Guimarães da Silveira

**Editora Executiva:** Cássia de Oliveira

**Projeto gráfico e diagramação:** Editora Recanto das Letras

**Revisão:** Gilson Guimarães da Silveira

**Registro:** 762.580 - Livro 1479 - Folha 103 - E.D.A - Biblioteca Nacional

**Fotografias:** acervo do autor

**Impressão:** Forma Certa

### **Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)**

**Andreia de Almeida CRB-8/7889**

---

Silveira, Gilson Guimarães da

Tão longe de mim... distante / Gilson Guimarães da Silveira. --

Sorocaba : Recanto das Letras, 2018.

332 p.

ISBN: 978-85-69943-93-8

1. Crônicas brasileiras 2. Memória autobiográfica I. Título

18-1383

CDD B869.93

---

### **Índices para catálogo sistemático:**

1. Crônicas brasileiras : Memória

EDITORA RECANTO DAS LETRAS

[www.recantodasletras.com.br/editora](http://www.recantodasletras.com.br/editora)

[editora@recantodasletras.com.br](mailto:editora@recantodasletras.com.br)

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte desta obra pode ser reproduzida ou transmitida por quaisquer meios (eletrônico ou mecânico, incluindo fotocópia e gravação) ou arquivada em qualquer sistema ou banco de dados sem permissão escrita do autor.





## Sumário

<i>Introdução</i> .....	18
<i>Dedicatória</i> .....	22
<i>Informação</i> .....	24
<i>Prólogo</i> .....	26
<i>“...o retrato mais bonito do álbum...”</i> .....	28
VÍNHETA 01: <i>O encontro</i> Inverno de 1955 .....	30
VÍNHETA 02: <i>Fé da Silva</i> Inverno de 1949 .....	38
VÍNHETA 03: <i>Crianças da Rua Nova</i> Outono de 1950 .....	40
VÍNHETA 04: <i>Véspera</i> Verão de 1955 .....	42
VÍNHETA 05: <i>Dias de guerra, dias de paz</i> Inverno de 1946 .....	44
VÍNHETA 06: <i>A enchente</i> Verão de 1950 .....	48
VÍNHETA 07: <i>A estocada</i> Outono de 1954.....	54



VÍNHETA 08: <i>Historinha de fé</i>	
Inverno de 1943 .....	58
VÍNHETA 09: <i>Ajantarado</i>	
Verão de 1944 .....	62
VÍNHETA 10: <i>Reinado efêmero e outros prazeres</i>	
Outono de 1946.....	66
VÍNHETA 11: <i>Profecia</i>	
Primavera de 1947 .....	70
VÍNHETA 12: <i>Encantamento</i>	
Primavera de 1954.....	72
VÍNHETA 13: <i>Rerogada final</i>	
Primavera de 1945.....	74
VÍNHETA 14: <i>Matinê de domingo</i>	
Verão de 1943 .....	76
VÍNHETA 15: <i>Noites longas</i>	
Outono de 1953.....	80
VÍNHETA 16: <i>O melhor remédio</i>	
Outono de 1946.....	84
VÍNHETA 17: <i>O pão de cada dia</i>	
Primavera de 1943.....	86
VÍNHETA 18: <i>Fazedora de néctar</i>	
Primavera de 1944.....	88
VÍNHETA 19: <i>O trem da capital</i>	
Inverno de 1946 .....	90

VÍNHETA 20: <i>Inspiração incontida</i> Primavera de 1955.....	92
VÍNHETA 21: <i>O voo da borboleta</i> Verão de 1947 .....	94
VÍNHETA 22: <i>Chita, botinas e tênis</i> Inverno de 1951 .....	96
VÍNHETA 23: <i>Sábado agreste</i> Verão de 1954 .....	98
VÍNHETA 24: <i>Princesinha</i> Verão de 1952 .....	102
VÍNHETA 25: <i>Sacrifícios calados</i> Verão de 1953 .....	106
VÍNHETA 26: <i>Conjecturas</i> Inverno de 19.....	108
VÍNHETA 27: <i>Esperança Inocência</i> Inverno de 1955 .....	110
VÍNHETA 28: <i>Drama vivido</i> Inverno de 1953 .....	112
VÍNHETA 29: <i>Navegantes</i> Verão de 1945 .....	114
VÍNHETA 30: <i>Um dia muito especial</i> Inverno de 1944 .....	116
VÍNHETA 31: <i>O carregamento</i> Outono de 1946.....	118

VÍNHETA 32: <i>Sufrimento</i>	
Outono de 1947 .....	120
VÍNHETA 33: <i>Absolvição</i>	
Outono de 1955 .....	122
VÍNHETA 34: <i>Tesouros escondidos</i>	
Primavera de 1946.....	124
VÍNHETA 35: <i>Fazedores de tachos e ledoras de sorte</i>	
Inverno de 1952 .....	128
VÍNHETA 36: <i>Temores</i>	
Inverno de 1955 .....	130
VÍNHETA 37: <i>Amigo do Sol</i>	
Primavera de 19... ..	132
VÍNHETA 38: <i>O trem das capitais</i>	
Inverno de 19... ..	136
VÍNHETA 39: <i>O observatório</i>	
Outono de 1945.....	138
VÍNHETA 40: <i>Canto coral</i>	
Outono de 1951.....	142
VÍNHETA 41: <i>O caçador</i>	
Inverno de 1947 .....	146
VÍNHETA 42: <i>Encontro inesperado</i>	
Primavera de 1952 .....	148
VÍNHETA 43: <i>Férias</i>	
Verão de 1946 .....	150

VÍNHETA 44: <i>A face esquecida</i> Inverno de 1949 .....	152
VÍNHETA 45: <i>Sabe lá o que é!...</i> Outono de 1943.....	154
VÍNHETA 46: <i>“Selenata”</i> Primavera de 1955.....	156
VÍNHETA 47: <i>O paparicado</i> Verão de 1951 .....	158
VÍNHETA 48: <i>Lua nova</i> Outono de 1947 .....	160
VÍNHETA 49: <i>Obediência</i> Verão de 1952 .....	162
VÍNHETA 50: <i>Simplesmente belas</i> Primavera de 1949.....	164
VÍNHETA 51: <i>Um jogo de vôlei no pátio da preguiça</i> Primavera de 1952.....	166
VÍNHETA 52: <i>O concurso</i> Verão de 1948 .....	172
VÍNHETA 53: <i>Oito pés para um par de patins</i> Outono de 1949.....	178
VÍNHETA 54: <i>Nem só em metrópoles vivem os homens</i> Primavera de 1955.....	180
VÍNHETA 55: <i>Tarde esportiva</i> Outono de 1949.....	182

VÍNHETA 56: <i>Contradança e cachimbo</i>	
Inverno de 1956 .....	188
VÍNHETA 57: <i>Tírrim!</i>	
Inverno de 1945 .....	192
VÍNHETA 58: <i>Dores desiguais</i>	
Primavera de 1951.....	194
VÍNHETA 59: <i>O observador</i>	
Verão de 1957.....	196
VÍNHETA 60: <i>Ave canora de Deus</i>	
Outono de 1955.....	200
VÍNHETA 61: <i>Olha o passarinho!</i>	
Verão de 1953 .....	202
VÍNHETA 62: <i>O chatinho</i>	
Primavera de 1956.....	204
VÍNHETA 63: <i>O cuidado</i>	
Outono de 1944.....	208
VÍNHETA 64: <i>Uma só estrela brilha!</i>	
Primavera de 1948.....	210
VÍNHETA 65: <i>O assobio</i>	
Primavera de 1949.....	214
VÍNHETA 66: <i>Solidão</i>	
Verão de 1947 .....	218
VÍNHETA 67: <i>Dia assim tão, tão...</i>	
Inverno de 1954 .....	220

VÍNHETA 68: <i>Instantâneos</i>	
Inverno de 1954 .....	224
VÍNHETA 69: <i>Suposições confirmadas</i>	
Outono de 1945.....	228
VÍNHETA 70: <i>Sinceridades</i>	
Primavera de 1955.....	232
VÍNHETA 71: <i>Amadores</i>	
Inverno de 1955 .....	234
VÍNHETA 72: <i>Amadores, sim...</i>	
Primavera de 1957 .....	236
VÍNHETA 73: <i>Braços abertos</i>	
Outono de 1946.....	240
VÍNHETA 74: <i>A louca</i>	
Verão de 1949 .....	242
VÍNHETA 75: <i>Bailinhos</i>	
Outono de 1956.....	244
VÍNHETA 76: <i>O caminhãozinho</i>	
Verão de 1949 .....	246
VÍNHETA 77: <i>Tudo bem</i>	
Verão de 1957.....	248
VÍNHETA 78: <i>O retorno</i>	
Primavera de 1945.....	250
VÍNHETA 79: <i>A casa das...</i>	
Verão de 1951 .....	252

VÍNHETA 80: <i>Provas finais</i>	
Primavera de 1953.....	254
VÍNHETA 81: <i>O caderninho de frases</i>	
Verão de 1955 .....	258
VÍNHETA 82: <i>A careira</i>	
Primavera de 1943.....	260
VÍNHETA 83: <i>Cineminhas</i>	
Verão de 1946 .....	262
VÍNHETA 84: <i>Rosas e cravos</i>	
Inverno de 1956 .....	264
VÍNHETA 85: <i>O mundo é maior</i>	
Outono de 1944.....	268
VÍNHETA 86: <i>Adeus!</i>	
Verão de 1955 .....	272
VÍNHETA 87: <i>Emoção</i>	
Outono de 1956.....	274
VÍNHETA 88: <i>Sinhazinha</i>	
Inverno de 1944 .....	278
VÍNHETA 89: <i>Recordos</i>	
Inverno de 1950 .....	282
VÍNHETA 90: <i>Cinema, passeio e baile</i>	
Primavera de 1957 .....	286
VÍNHETA 91: <i>Tudo bem, tudo calmo</i>	
Inverno de 1945 .....	288

VÍNHETA 92: <i>O artista</i> Outono de 1951.....	290
VÍNHETA 93: <i>Acabou-se o que era doce</i> Outono de 1944.....	294
VÍNHETA 94: <i>Álbum de retrato</i> Verão de 1948 .....	298
VÍNHETA 95: <i>Alegria de uns...</i> Primavera de 1943.....	302
VÍNHETA 96: <i>Rotinas</i> Primavera de 1954.....	306
VÍNHETA 97: <i>Decepção</i> Primavera de 1949.....	308
VÍNHETA 98: <i>Três Natais</i> Verão de 1947 .....	312
VÍNHETA 99: <i>O pretinho</i> Outono de 1953.....	318
VÍNHETA 100: <i>Felicidade</i> Outono de 1957 .....	320
VÍNHETA 101: <i>Profecia</i> Primavera de 1947 .....	322
VÍNHETA 102: <i>O reencontro</i> Inverno de 1958 .....	326
<i>Epílogo</i> .....	330





## *Introdução*

Iniciados em 2004, perdi a conta de quantas vezes mexi nestes textos.

A ideia era escrever pequenas crônicas, de uma página, cada; mas logo percebi não seria possível, porque haveria mais a escrever em umas que em outras, embora tendo pouca coisa a contar em todas.

Não escrevi sobre Cordeiro, minha terra; limitei-me a ligeiras passagens da minha vida — e talvez, pelo fato, eu decepcione a maioria daqueles que me honrem com sua leitura. Mas, em defesa, lhes pergunto: quem sou eu, para arrogar-me título de historiógrafo, se não tenho tal formação?!... O pouco que sei das coisas acontecidas neste lugar conheço-as por obra e graça de pesquisas rápidas, levado por curiosidade. Assim, caso tentasse vestir-me de entendido, logo se evidenciariam as deficiências do leigo, além de serem inevitáveis os choques de opiniões, pois, historiar essas mínimas coisas, ainda que mínimas, exigiria, de mim, expressar-me sem ufanismos, sem rodeios, sem usar palavras bonitas para fantasiar a realidade.

...Historiar esta terra que cada vez mais vai se tornando sem histórias (é este o meu sentimento), a mim não satisfaria, se eu não fosse verdadeiro, se me restringisse aos velhos clichês tão sobejamente conhecidos.

Admito ter sido egoísta — vaidoso mesmo, se o termo define melhor a circunstância — ao remendar a colcha somente com meus próprios retalhos. No entanto, acredito, na pequenez destas reminiscências, retratinhos 3x4 em preto e branco, há de se conter algo da história do lugar, algo do seu trivial caseiro, algo das corriqueiras e quase inexpressivas coisas sucedidas no período de 1942 a 1957 — anos desfrutados tranquilamente por todos nós, daqui, enquanto lá fora, na parte dita “civilizada” do planeta, eles se apresentassem, até certa época, conturbados, para depois se mostrarem es-

perançosos e românticos, apesar de ainda existentes muitas questiúnculas entre os donos do mundo.

\* \* \*

Nossas memórias “apagam” muitas informações por conta própria, não nos permitindo recuperá-las, não nos permitindo lembrar tudo quanto gostaríamos. Além disso, não arquivam em sequência, como os computadores.

De 2004 até hoje muitas pessoas a quem estes escritos poderiam trazer lembranças de um tempo vivido, de um evento presenciado, muitas, infelizmente, já não se encontram entre nós; o que, em certo momento, me alertou e me fez perguntar, a mim:

*“- Afinal, para quem estou escrevendo? A quem interessará tantas historietas, se elas se referem, quase sempre, a um menino, um rapazola e um velho que os ouve e acompanha?”*

...Então, temendo continuar escarafunchando reminiscências que se iam tornando intermináveis e (na certa) incompreensíveis para eventuais leitores mais novos, resolvi interromper a “prospecção das jazidas”, deixando muita coisa para trás — não só pela interrupção das “escavações”, mas, por já não me lembrar de certos fatos com clareza, não os encadeando como deveriam; também, por não estar conseguindo uniformizar os textos como pretendia inicialmente (alguns começaram a se assemelhar a anotações de diário, outros, a reportagens...); e, enfim, por querer me restringir, tão só, às alegrias das minhas infância e juventude.

Tenho certeza de que muitas vezes errei na datação, não sendo exato quanto à ocasião de alguns acontecimentos, acabando por misturar situações vivenciadas numa determinada época, com outras, anteriores ou posteriores, juntando-as numa só. Entretanto, não importando quando foi que elas de fato ocorreram, entre a ficção e o lúdico (que tantas vezes usei nestes escritos) permeia, em maior dose, a realidade, eis que por tudo passei — se não eu, um dos meus familiares, um amigo, um conhecido.

...Não usei de balelas; todos os personagens (todos!) existiram — até mesmo aqueles “seres” aos quais, nestes meus contados, dei vida como se humanos fossem.

Em geral abster-me de citar nomes ou apelidos; são poucas, as ocasiões em que aparecem. Este pouco me deixa sentimento de culpa em relação aos personagens não mencionados; entretanto, fiz referências, dei características, para que todos sejam reconhecidos por quem entre nós possa se remeter ao passado; e nisso busco a penitência das faltas cometidas, esperando que os “esquecidos” me entendam e desculpem, estejam onde estiverem: aqui, ali, lá, acolá, enfim, ainda que estejam tão longe de mim... — distante.





## *Dedicatória*

Para minha mulher,

...para meus filhos,

...para meus netos,

...para meus irmãos,

...com imenso orgulho e carinho ofereço um fruto desta árvore que sou; árvore envelhecida, mas que não poderia deixar de produzi-lo, mesmo sensaborão.

(...)

...E Deus sabe quantos, mais, são aqueles a quem eu estendo esta dedicatória, pela importância deles na minha existência:

...parentes e amigos com quem convivo;

...parentes e amigos com quem convivi, mas que já não se encontram entre nós.





## Informação

É possível que em algum ponto destes escritos o fato haja passado despercebido por mim; mas, embora a ocorrência possa se dar ora aqui, ora ali, sempre procurei dar tratamento respeitoso a dois personagens frequentemente citados nestes textos; daí porque usei letras capitais ao referir-me a eles, mesmo quando um apareça como sinonímia de luz, claridade, calor, e outro como definição de um ciclo. Refiro-me ao Sol e à Lua, assim grafados, astros que são — ...e até mesmo por uma pontinha da “humanidade” que lhes quis dar.

Em certos momentos, também, usei palavras como “selenata”\*, “vira-latagem”, “bem-te-quero” e outras, não existentes nos dicionários, mas que melhor expressam o que desejei expressar. Tais palavras, eu procurei sempre colocá-las entre aspas.



(\*) De “Selene”, do grego *sélas*, literalmente “Lua”.





## Prólogo

*“Tão longe de mim, distante,  
onde irá, onde irá teu pensamento?” (\*)*  
(...)

...Essa música, esse cantar...  
...que traz à criança tamanha nostalgia...  
...— talvez (quem sabe?) por ouvi-la desde quando gestava no ventre  
da sua mãe...



(\*) “*Quem sabe?*”, modinha de Carlos Gomes, versos de Bittencourt Sampaio.





*“...o retrato mais bonito do álbum...”*



VINHETA OI:  
*O encontro*

Inverno de 1955

Transcorre hoje mais uma tarde de inverno outonal, nestas meias-seras de climas amenos. Duas horas antes do Ângelus, a luz clara do céu, livre de nuvens, mergulha nas frondes do arvoredo que moldura a igreja, e marcheta o chão de sóis e sombras.

Do interior do templo (singelo monumento construído por antigos homens de fé em louvor à Virgem Santíssima) emana gostosa sensação de paz, que se esparge por todos os cantinhos do outeiro, levada por brisa meiga e incerta...

... — a remexer as entranhas das sebes de cipreste,  
...a envolver os espinhos das roseiras,  
...a fazer oscilar as pernas magras do louva-a-deus,  
...a brincar com os pelos arrepiados da lagarta queima-queima.

Alguém que, ao entrar, deixou a porta da frente da igreja semia-berta, varre, lá dentro, com vassoura de piaçaba, o piso de ladrilhos gastos. De quando em quando tosse uma tosse seca, espirra alergia, resmunga em voz sozinha. Mas...

...nem mesmo esses movimentos que são percebidos cá de fora,  
...nem o chilreio gorgolejado da carriça aninhada num ramo de figos,  
...nem as vozes alteadas das mestras, na escola vizinha,  
...nem o crepitar de folhas secas esfacelando sob os passos vagarosos de dois companheiros...

... — nada, nada perturba o silêncio do adro;  
...nada altera a serenidade dos amigos, que caminham lado a lado recordando o correr da vida. O delicado rumorejar, quase imperceptível rumorejar de pequenos eventos que ora acontecem na placidez do lugar, soa a prelúdio, a fundo musical pianíssimo, soa a obra composta de propósito

para festejar o encontro do velho com o moço, que não precisam trocar palavras para se ouvirem.

...(A quietude entre eles, quando se quebra, quebra sem fazer ruído, qual névoa rasgada por inesperado golpe de vento.)

Saudades e lembranças trouxeram o velho. E sonhos, o moço; sonhos de ser alguém.

No sombreado de copas gordas, que se entrelaçam por galhos desde novos destinados a suportar a fronde una caprichadamente rematada, existe um banco de madeira, simples, rústico, esquelético, mas confortável, pois só ele possui recosto. Na cabeceira do arvoredado oeste, ao pé do primeiro tronco, próximo ao átrio do templo e atravessado à frente de duas fileiras paralelas de bancos de alvenaria, sua magreza de formas destaca-o destes outros, que, sem dúvida, são mais vistosos, porém, sem o mesmo apelo. Quem o ocupe avista diretamente o casario geminado da rua detrás, onde sempre passam boiadas.

Nele se acomodou o velho, cheio de lembranças.

Não decorreu muito tempo, chegou o moço, livro debaixo do braço. Abriram sorrisos de saudações, deram-se boas vindas, e por breve instante ficaram ali sentados, juntos. Depois se levantaram e saíram de olhos voltados para o chão sarapintado de luzes pingadas das folhagens, solitos, sem pressas; ninguém a vigiá-los.

A imaturidade...

...Por quanto tempo ainda permanecerá a imaturidade?

Reflexões sobre o futuro começam a preocupar o moço; o porvir lhe embaraça a mente em maçarocas de dúvidas. Ainda que não muito próximo, há de chegar o tempo de enfrentar o vestibular; e o curso médio em que está não é o pretendido. Ademais, as carreiras em evidência — medicina, engenharia, advocacia — não o atraem; sente não ter vocação para qualquer das três; não ambiciona título universitário apenas para tê-lo pendurado a feitiço de medalha imerecida. Outros cursos, para outras carreiras, são oferecidos, é verdade; menos divulgados; menos conhecidos.

- *Que faço?*

... — quer extravasar suas incertezas; e a interrogação flutua silenciosa entre ambos.

(Uma andorinha observa-os, do vão dos sinos.)

...(Alheia a bulhas e presenças, uma libélula esvoaça em voo silente, irrequieto — corpo adelgado e leve sustentado por asas diáfanas refletindo arco-íris.)

Escumilha de lembranças aperta o peito do velho; incomoda-o. De repente, vê-se transformado num veterano ator cujas participações vão-se tornando raras e que no camarim se defronta com o rigor de espelho iluminado lhe mostrando as rugas dos decênios... E esmorece... Diante de si mesmo, personagem de tantas peças vividas, não tem coragem de se encarar, fitar os próprios olhos,

...que se umedecem, e são disfarçadamente enxugados...

... — enquanto a garganta reprime repentina vontade de um soluço que tenta escapar da armadura incômoda.

Desgoverna-se.

...(Aconselhar?!... Não seria bom conselheiro quem sempre muito se questionou: - *Que fiz na vida? Nada!... Quase nada!...* Quantas vontades, na meninice; quantas indecisões e medos, na juventude cheia de querer novos, de dúvidas remexidas como se remexem mercadorias num tabuleiro de ofertas!...)

Entorpecido pela surpresa, o velho não daria bom exemplo; sua desorientação revelaria tudo o que o outro não gostaria lhe fosse mostrado. Por breve instante centelhas de autointerrogatório, persistente e perturbadora inquisição, o sitiou, deixando-o atônito...

(...)

Mas os vagalhões passaram. O mar serenou. O leme foi dominado. A nau retomou o rumo... O velho se reequilibrou, voltando a si.

- *Também tive muitas dúvidas, meu caro amigo.*

...*Menininho de seis anos, eu queria ser, “quando crescesse”, artista de cinema, mocinho de faroeste, galã de filmes coloridos.*

...*No ginásio, sonhava viajar: aprenderia telégrafo, para ser tripulante de avião de passageiros e conhecer o mundo; então, sobrevoaria mares, desertos, montanhas, florestas... Depois, quando aposentasse, seria professor e mostraria no mapa-múndi as terras outrora visitadas.*

...*Já rapazote, mudando a palheta da voz, buço riscado debaixo do na-*



*riz, chegava das aulas noturnas, ligava o rádio e colava nele as orelhas para ouvir os tique-taques da Rádio Relógio entre as rouquidões das ondas longas marcando os segundos, minutos e horas; ou devanear com as músicas de outros países embrulhadas nos assobios das ondas curtas... Eu queria ser locutor!*

*Assim o tempo passava.*

*...E vieram as preocupações.*

*O tempo passava e já não era o menino imberbe, mas o adolescente de penugens na cara pensando em namoro sério.*

*...O tempo passava.*

*Os primeiros sonhos foram-se perdendo de vista. Os seguintes ameaçavam virar rabiscos: industrial, romancista, padre missionário, jornalista, arquiteto, dentista?...*

*Por algum tempo carreguei angústias e ansiedades que me aperreavam.*

*Mas, sem que as esperasse (porque não faziam parte dos primeiros “planos”, que iam caindo como maços de cigarro em barraquinha de tiro ao alvo), começaram a surgir oportunidades, mostrando-me que poderia seguir outros rumos.*

*...Eu as peguei...*

*(Fez pequena pausa, esmiuçou um pouco mais os escaninhos do passado e prosseguiu:)*

*Não tenho arrependimentos.*

*...Creio que, se houvesse insistido nos primeiros sonhos, se houvesse “comprado por comprar” uma daquelas “ofertas de tabuleiro”, talvez agora não desfrutasse da bonança de que ora então desfruto.*

*(Fez nova pausa; e concluiu:)*

*...Meu caro. Se você espera de mim alguma orientação, acredite: não sou a pessoa que possa ou saiba aconselhar. Arrisco-me a lhe dizer, apenas, que as setas que encontrei no meu caminho me levaram a destinos onde aprendi a cumprir deveres e respeitar direitos. Isto me deu certeza de que, às vezes, na busca insistente de uma afirmação pessoal mal embasada, na inconsistência dessa busca, perde-se o momento de encontrar outras oportunidades. Se, a trechos, o terreno não se mostrou aplanado, tentei cuidar para que os meus passos o aplanassem, não abandonando as primeiras oportunidades sem que antes encontrasse suficientes razões para fazê-lo — pois o desperdício poderia me levar*

a um fim de jornada com torções na consciência e a me perguntar: “- Que fiz da vida?”...

...Felizmente, eu não carrego esse fardo.

É preciso, então, que você perceba a diferença:

“- Que fiz na vida?”...

“- Que fiz da vida?”...

...(Assim, dependerá de você, só de você, ter, ou não, um cilício, para mortificar-se.)

(...)

Uma porta do lado oeste da igreja se abriu e o ruído interrompeu o colóquio silencioso.

A zeladora cumprimentou, enquanto sacudia o pano de pó:

- Olá! Aproveitando a fresquinha da tarde, hem?

As vozes altas da conversação entraram pela sacristia, ecoando, sarcoteando no tranquilo do templo e depois saíram, trazendo o cheiro do incenso entranhado nas madeiras — reminiscências de tantas missas ali rezadas.

De volta ao passeio, o jovem fala do seu emprego: de quando recebeu o convite, na terça-feira de carnaval do ano passado; de quando começou, no dia seguinte, Quarta-feira de Cinzas.

... - Desde então tenho escrevinhado muito — mostrou o dedo médio da mão direita, arroxeadado, um princípio de calosidade. – Sou canhoto; sinto dificuldade em escrever com a mão direita, como aprendi na primeira série. Pra mim é difícil manter a caneta na direção certa; exige maior pressão dos dedos, fazendo-me escrever arrastado e lentamente.

(...)

As sombras carijós do arvoredado começam a se descolar do chão, empurram-se, sobem nas paredes empalidecidas da igreja, enquanto os amigos apreciam as singularidades dos canteiros de flores perenes, dos arbustos esculpidos, da gruta, da fonte que se ilumina nas festas — preciosidades criadas por antigos homens de fé no pátio do templo, onde o verdor se sustenta, apesar do estio.

- A noite está chegando; vamos embora? — sugere o velho; e mexe com o companheiro — Agora, me diga: como vão os amores?

- Amores?!... Sou patinho feio...

- Quê?! Não tem namorada?!

- Não!

- Com dezesseis anos, sem namorada! Esta é boa! E a sanfona? Pra que serve a sanfona?... Pegue a sanfona, rapaz, e saia por aí fazendo serenata, nem que seja somente pra Lua! Pode ser que alguém acorde...

(...)

As luzes do céu diminuem.

As montanhas acolhem o Sol em aconchegos verdes.

A carriça aninhada, aninhada está; quieta.

A andorinha (como outras que chegaram ao vão dos sinos) se assustará ao toque das seis da tarde; e revoarão, todas. Quando os sinos se calarem, elas voltarão, cumprindo rotina de todo final de tarde.

A libélula... Onde está a libélula?... (Sabe-se lá onde está a “lavadeira”!... Deve estar por aí, pousada num varal de roupas!...)

(...)

“- Quem chegar aqui amanhã sem ter feito o dever de casa ficará...”

... ”Brrrrrr!” — berra a campainha da escola situada no outro lado da rua, encerrando as aulas e empanando a advertência da professora.

(...)

A zeladora varreu o piso, espanou altares e bancos da igreja. - *Alguma coisa mais a fazer?* — teria indagado a si mesma. Não, não havia mais nada a fazer; portanto, guardou vassouras e panos entre o armário e a parede da sacristia leste.

...Lavou as mãos;

...arrumou-se para sair.

...Atravessou apressada a nave do templo;

...foi até próximo o pórtico;

...molhou a ponta dos dedos no fundo umedecido da pia de água benta;

...virou-se para o altar;

...fez o sinal da cruz;

...beijou a medalhinha trazida no cordão ao pescoço;

...deu meia volta...

*- A noite está chegando; vamos embora? — sugere o velho; e mexe com o companheiro — Agora, me diga: como vão os amores?*

*- Amores?!... Sou patinho feio...*

*- Quê?! Não tem namorada?!*

*- Não!*

*- Com dezesseis anos, sem namorada! Esta é boa! E a sanfona? Pra que serve a sanfona?... Pegue a sanfona, rapaz, e saia por aí fazendo serenata, nem que seja somente pra Lua! Pode ser que alguém acorde...*

*(...)*

EDITORA RECANTO DAS LETRAS

ISBN 978-85-69943-93-8



9 788569 943938